



**AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NOS DISCURSOS DOS(DAS)
ESTUDANTES DO CURSO NORMAL INSTITUTO DE EDUCAÇÃO EUCLIDES
DANTAS**

Greissy Leoncio Reis¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa maior vinculada a um projeto de dissertação de mestrado, intitulado “O Gênero e a Docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas”, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, da Universidade Federal da Bahia, que teve como um de seus objetivos analisar os discursos dos(as) estudantes do Curso Normal Médio do Instituto de Educação Euclides Dantas – IEED, de Vitória da Conquista – BA, no que concerne às ideias e concepções de gênero e sexualidade destes sujeitos, buscando analisar ainda, até que ponto o IEED tem formado professores(as) com as competências necessárias para trabalhar as questões de gênero na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil - RECNEI e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental - PCNEF que se constituem documentos oficiais da Política Nacional em Educação recomendam o trabalho transversal com as questões de gênero e diversidade sexual.

O IEED é uma escola estadual que oferece desde o segundo ciclo do Ensino Fundamental ao último ano do Ensino Médio. No período da pesquisa (ano de 2010) o IEED possuía em seu quadro discente um total de 3.400 alunos, destes, 172 matriculados no Normal Médio, dos quais apenas cinco eram do sexo masculino o que evidencia a permanência da associação ideológica do magistério à área de interesse feminina, por uma suposta predisposição biológica (LOURO, 1997). A escolha pelo curso Normal Médio ocorreu por se tratar de uma modalidade de ensino que prepara para o exercício do magistério na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, momento em que ocorre a constituição da personalidade humana, em que os discursos construídos

¹ Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), pela Universidade Federal da Bahia Universidade Federal da Bahia – UFBA/Brasil. Endereço eletrônico: greissy.reis1@gmail.com



sobre o gênero exercem grande poder sobre a constituição e as relações entre os sujeitos.

Conforme Tereza de Lauretis (1994), a construção da identidade de gênero ocorre através de vários mecanismos ou “tecnologias” e em várias instâncias (família, escola, igreja, cinema, mídia, trabalho, etc.) e “discursos institucionais (teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e implantar” representações de gênero [...] (LAURETIS 1994, p. 228).” Assim, analisar as representações de gênero presentes nos discursos dos estudantes do curso Normal Médio do IEED nos possibilitou compreender como as ideologias de gênero estão sendo veiculadas nos espaços formais de educação e o quanto esses espaços têm reproduzido um padrão hegemônico, dual e assimétrico de como ser homem e de como ser mulher em nossa sociedade.

METODOLOGIA

No desenvolvimento desta pesquisa, buscamos aliar teoria e metodologia, por considerá-las inseparáveis e imprescindíveis para o desenvolvimento de qualquer trabalho científico, pois “a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 1993, p. 14). Assim, a fundamentação teórica não é algo separado do percurso investigativo, pois, à medida que a pesquisa vai se desenrolando, as questões, as dúvidas, as ideias vão surgindo e, então, buscamos na teoria as explicações sobre aquela realidade que aos poucos se desvela e que ainda pode trazer novas incógnitas, obrigando-nos a fazer novas incursões teóricas.

Nesse contexto, a categoria gênero se torna um instrumento capaz de analisar os impactos das ideologias não somente nas estruturas sociais como também nas estruturas intelectuais, ou seja, nas produções científicas, visto que gênero passa a ser entendido como um elemento constituinte da vida dos sujeitos e da sua interpretação. Indo mais além, trata-se de um elemento classificatório e organizativo do universo, para tanto utilizamos a contribuição das epistemologias feministas nos estudos de Tereza de Lauretis (1994), Guacira Lopes Louro (1995; 1997; 2007; 2008), Elizete Passos (1995; 1999) e Joan Scott (1994; 1995), dentre outros, que se constituem como referenciais deste estudo e que muito ajudaram a desvelar as relações de poder que se inscrevem e permeiam as relações entre atores e atrizes que compõem o palco do Normal Médio do Instituto de Educação Euclides

Esta pesquisa se desenvolveu *in loco*, no Curso Normal Médio do IEED, em Vitória



da Conquista, no ano de 2010, tendo como um de seus instrumentos metodológicos de investigação, a realização de oficinas com a abordagem de gênero junto a uma turma do terceiro, com 21 estudantes, do referido curso. A escolha pelo desenvolvimento da oficina de gênero como um de nossos instrumentos de coleta de dados, se deu por influência dos estudos feministas (HARDING, 1987; SARDENBERG, 2007), haja vista que esta técnica tem sido comumente utilizada como mais uma de suas atividades político-educativas. Ao pensarmos em oficina nos vem à mente um lugar de trabalho em que coisas são produzidas ou consertadas. É, portanto, uma técnica dinâmica que promove processos de criação e transformação (PORTELA; GOUVEIA, 1999).

A oficina teve como objetivo, além de diagnosticar as representações de gênero presentes nos discursos dos estudantes, avaliar os níveis de conhecimento teórico sobre a temática, além de promover a construção de conhecimentos de forma participativa com todos(as) os/as envolvidos(as) no processo. Escolhemos as turmas do final do curso por considerarmos que em função de todo o percurso do trabalho didático-pedagógico, os últimos anos do curso nos possibilitariam visualizar o nível de conhecimento e/ou aprofundamento teórico metodológico da abordagem de gênero prevista nos RECNEI e nos PCNEF que devem ser trabalhadas nos cursos de formação inicial para o Magistério.

Além da presença maciça do público feminino continuar revelando a ideologia que apregoa ser a docência a profissão ideal para a mulher, ao serem indagadas (os) sobre a escolha do curso, foi majoritária a afirmação da escolha ter sido por imposição da família, que considera esta profissão de fácil empregabilidade ou porque acreditam que a mulher já tem facilidade em lidar com criança graças à capacidade de ser mãe. Esse discurso, como acentua Louro (1997), reproduz a ideologia androcêntrica da relação entre docência e maternagem, segundo a qual, a mulher é biologicamente apta a educar, pois o fato de poder ser mãe a predispõe a atividades que exigem abnegação e amor, fundamentais ao exercício do magistério.

No que concerne às questões de gênero e sexualidade, foi possível perceber que os (as) alunos(as) em quase toda a sua totalidade não possuíam uma noção muito clara do significado desse conceito/categoria. Não houve, se quer, uma aluna ou aluno que definisse o conceito de gênero ou que soubesse vagamente a que esse termo se referia, sempre o relacionando ao masculino e feminino. Entretanto, apesar de as(os) estudantes não conseguirem explicar o que seria gênero, durante o desenvolvimento da oficina, começaram a contar experiências que tiveram durante sua atuação em escolas de Educação Infantil, sobre questões de preconceito em relação à homossexualidade, liberdade sexual, sobre o ideal de comportamento para homens e mulheres, etc.. Assim, pudemos perceber



que possuíam alguma noção sobre questões relacionadas a gênero e sexualidade.

Todavia, em cada relato de experiências foi evidenciando nos discursos as idéias equivocadas e estereotipadas sobre determinados comportamentos infantis, observados em suas experiências docentes. Suas falas eram carregadas de preconceitos de gênero e concepções sexistas, sendo comuns afirmações do tipo, “tive alunos com um jeitinho de gay” ou “eu não acho certo meninos brincarem com brinquedos de meninas e vice-versa, isso influencia, futuramente, na opção sexual”, dentre outros relatos. Ao passo em que alguns estudantes intervinham nos comportamentos infantis tentando evitá-los, outros estudantes afirmaram preferir “não se meter”, diante de comportamentos infantis, que eles denominaram de “estranhos”. A partir dos discursos dos estudantes do Normal Médio sobre o comportamento das crianças, fica evidenciado manifestações preconceituosas sobre gênero, revelando que suas concepções de gênero estão engessadas pelos modelos estereotipados e sexistas de comportamento para homens e mulheres. Esse comportamento é mais comum do que se imagina, pois sociedade, ao apresentar simbolicamente seus anseios quanto ao comportamento que se espera de cada indivíduo, atribui à escola o papel de formar os sujeitos de acordo com esse modelo, com esse paradigma, e a escola, na maioria das vezes, não mede esforços para cumprir satisfatoriamente sua “nobre” função (LOURO, 2008).

CONCLUSÃO

Por meio dos pressupostos teórico-metodológicos e da análise de dados empreendidos nesta pesquisa, pudemos perceber que as representações de gênero presentes nos discursos dos estudantes do curso Normal Médio do IEED confirmam uma concepção heteronormativo e discriminatória sobre a construção das identidades de gênero, pautada em modelos antagônicos e assimétricos sobre masculino e feminino, o que contribui com a manutenção de uma sociedade discriminatória e sexista. Sendo assim, a formação docente necessita ser analisada e compreendida, como afirma Apple (1989), à luz das epistemologias feministas que dão conta de analisar o papel da educação na reprodução das relações desiguais de gênero. É, portanto, fundamental intervir nos cursos de formação para o magistério, no sentido de fomentar novas práticas educativas, pois, isentar-se de qualquer abordagem desse teor significa permitir que o discurso dominante discriminatório e preconceituoso vigore nesses espaços.



Palavras-chave: Gênero. Educação. Formação de Professor.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. **Educação e poder**. Tradução Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

HARDING, Sandra. "Is there a Feminist Method? In:] _____. **Feminism and Methodology**. Bloomington: Indiana University Press. 1987. p. 1-14.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, H. B. de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRYORE, Mary (Org.) **História das mulheres**. Rio de Janeiro: Contexto, 1995.

_____. Gênero e magistério: identidade, história, representação. In: CATANI, Denise Bárbara; et al. (Orgs.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre a formação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

PASSOS, Elizete Silva. **A educação das virgens: um estudo do cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês**. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1995. 304p.

_____. **Palcos e platéias: as representações de gênero na Faculdade de Filosofia**. Salvador: UFBA/NEIM, 1999.

PORTELA, Ana Paula; GOUVEIA, Taciana. **Idéias e dinâmicas para trabalhar com**



Gênero. Recife: S.O.S. Corpo Gênero e Cidadania, 1999.

SARDENBERG, Cecilia Maria B. Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?
Revista Estudos Feministas [online], jan./jul. 2007.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-94, 1995.

_____. **Prefácio a Gender and Politics of History.** Cadernos Pagu, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.